

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT19.024](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT19.024)

DOCÊNCIA POR E EM TELAS: ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Francisco Ebson GOMES-SOUSA

Professor de Libras do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Ufersa, Doutorando em Linguística pelo PROLING da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ebson.gomes@ufersa.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre os impactos no ensino remoto em tempos de pandemia que afetou de grandes formas vários setores na nossa sociedade e quais foram/são os desafios na formação de professores de línguas no semiárido brasileiro. Desde o ensino remoto emergencial, os processos de ensino vêm sendo repensados a fim de oportunizar formações que levem em conta todos os processos sociais, sanitários, psicológicos e didáticos. Nesta produção, são discutidas as estratégias usadas no ensino remoto na rede pública federal de ensino superior, mais especificamente em Caraúbas – RN, nos cursos de graduação de formação de professores de línguas dentro dos cursos de Letras Libras, Letras Inglês e Letras Português. Amparamos nos documentos oficiais sobre o ensino remoto emergencial, sobre a educação à distância, sobre letramentos e multiletramentos. Para alcançar nossos objetivos, usamos de uma pesquisa quantiqualitativa, em que foi realizada uma interlocução entre os documentos oficiais, aplicação de questionários com os alunos/professores em formação e recolhimento de depoimentos através de entrevistas com professores regentes neste processo que já permeia a nossa educação e sociedade por mais de anos. Nas conclusões, aponta-se para ações que estão

sendo tomadas e os reflexos que podemos compreender através dessas mudanças que foram repentinamente realizadas no contexto da educação, principalmente por meio do ensino com tecnologias e, também pensando no futuro pós-pandêmico e os impactos na formação destes professores de línguas que se mostra despertar.

Palavras-chave: Ensino remoto, Educação, Pandemia, Ensino com tecnologias, Formação de professores de línguas.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem sempre se constituíram como um desafio a ser vencido, em que levantamos algumas questões que podem ser pensadas como o processo de acesso dos estudantes e profissionais da educação; infraestruturas dos espaços escolares; planejamento de práticas de ensino com essas tecnologias e até mesmo a precariedade na formação dos professores (ALVES, 2016).

Nesse sentido, a formação de professores passa a ser vista também nesta produção, em que nos debruçamos sobre quais impactos o ensino remoto trouxe para a realidade desta formação em tempos de pandemia. Hoje estamos vivenciando tempos que nos surpreenderam e fizeram com que muitos profissionais e estudantes tivessem que adentrar – mesmo que alguns contra sua vontade – no ensino ou na aprendizagem por meio de telas/tecnologias.

Desde março de 2020, estamos em meio a vários acontecimentos na saúde, na educação e outros, que mudaram as nossas vidas de maneira abrupta, assim, desde então, passamos a ser obrigados a ter uma nova perspectiva para sobreviver frente ao vírus que contaminava mais e mais pessoas a nossa volta sobre o mundo todo. Os pareceres, medidas provisórias e leis fizeram com que o parecer emitido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) determinasse atividades não presenciais em todos os níveis de ensino enquanto tivéssemos com a pandemia da Covid-19 (ABRAFI, 2020; BRASIL/CNE, 2020). As medidas de isolamento e distanciamento social afetaram diretamente alguns setores como a educação, com a suspensão de aulas (de todas as formas) até a eminência do ensino remoto.

Neste contexto, a educação remota tomou vez, e as práticas com tecnologias digitais foram postas em cena, com plataformas digitais, vídeo-aulas, sites, redes sociais, câmeras, telas e telas foram necessárias para que tivéssemos um pouco do processo de ensino em atividades síncronas e assíncronas no *Google Meet*, *Classroom*, *Moodle*, *Zoom*, *Teams* e outros (GOMES, 2021).

Não sendo diferente na realidade mundial, muitos professores e alunos precisaram passar por este processo darwinista com as tecnologias em tempos de pandemia, uma vez que a internet era

a grande responsável por nos permitir encontrar com o outro e até mesmo poder estar neste processo de aprendizagem.

Assim, nesta produção, pretendemos discutir sobre os desafios no ensino e na aprendizagem em telas e por telas, a fim de compreender os impactos para estudantes e professores nos cursos de formação de professores de uma universidade federal no interior do Rio Grande do Norte.

Empregamos questionários, via *Google Docs*, para levantar dados sobre as perspectivas dos alunos sobre o ensino remoto e como os mesmos acreditam que esta realidade se configura na vida educacional e pessoal dos mesmos, levando em conta como as tecnologias auxiliaram neste processo de readequação de rotinas e práticas sociais em tempos de pandemia que estamos vivenciando.

“SEU MICROFONE ESTÁ DESLIGADO!”: NOVAS PRÁTICAS NO ENSINO

As aulas remotas foram impostas mediante a esta nova realidade pandêmica que estamos vivenciando, o isolamento social e outras medidas preventivas de controle da disseminação do vírus foram mais que fundamentais para que não tivéssemos mais mortes em nosso país. A nova forma de ensino-aprendizagem passou a ser por telas, à distância, no brilho das telas em que nossos dedos tocam. Passamos por um período em que muitos professores tiveram que se dedicar mais ainda para se adaptar a uma nova realidade que exigia letramentos digitais distintos para as suas práticas de ensino.

Uso de plataformas digitais, aplicativos, *softwares* de edição, gravação, luzes, *ring lights* e outros foram necessários para que estes pudessem ter um mínimo das suas práticas que outrora tinham no ensino presencial, em que, muitas vezes, bastavam apenas os alunos e professores para que a aula acontecesse, hoje os meios/canais para isso exigem outras formas e tecnologias distintas, o que ocasionou uma série de impactos na educação.

Para Oliveira (2013), o professor precisa aprender a aprender, aprender a ser, fazer e a conviver em um ambiente virtual. E esse reflexo podemos perceber que desde muito tempo a escola e alguns professores ainda resistiam a essas práticas com tecnologias,

principalmente digitais. Percebemos que o professor é levado a assumir novos papéis e a se adaptar a formas com as quais não estava habituado (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020).

As relações nos processos de ensino-aprendizagem hoje passam por diversas estratégias. Podemos compreender que o ensino à distância e o ensino remoto são díspares quando passamos a compreender as estruturas motivadoras deste processo, em que

É importante ressaltar que o ensino remoto emergencial apresenta diferenças fundamentais dos modelos de ensino a distância ou modelo híbrido que têm um planejamento prévio de conteúdo e tempo cuidadoso usando modelos de desenvolvimento e planejamento bem conhecidos (APPENZELLER *et al.*, 2020, n.p.).

As plataformas digitais foram estimuladas mais ainda neste contexto pandêmico, na instituição federal de ensino superior do RN da nossa pesquisa, teve um período apenas de formações e até mesmo um período de ofertas de disciplinas de forma experimental, sendo disponibilizadas disciplinas totalmente de forma remotas para os alunos e professores que quisessem fazer estes experimentos. Vale salientar que houve algumas formações à distância para os professores, alunos e público externo neste período.

Apesar disso, ainda víamos muitos desafios por parte de muitos colegas professores, que podemos refletir com Ribeiro (2016, p. 106-107) que

Hoje, de outro ponto da curta história das tecnologias digitais no mundo e neste país, temos mais firmeza para dizer que há ainda muito trabalho pela frente se quisermos reeditar aulas mediadas por dispositivos de tecnologia digital.

Até mesmo em seu texto, vemos grandes desafios que assolam a educação com e por meio de tecnologias, em que neste momento foram todas expostas e necessárias de usar.

O espanto causado pela pandemia veio junto com a perplexidade, a intolerância de alguns, a dificuldade de diálogo e negociação, uma percepção mais clara das desigualdades mais próximas, a má vontade de

aprender sobre a integração de TDIC à educação e à escola, etc. (RIBEIRO, 2020, p. 17)

Do slide ao editar o vídeo, tivemos que nos adaptar a uma realidade nova, que para muitos ainda era apenas um sonho de poder usar um dia, quando tivesse tempo ou oportunidade de usar. Vemos que neste sentido e nesse contexto, todos necessitaram de adequações nas suas práticas, tanto de ensino quanto de aprendizagem, e isso se reflete completamente no que entendemos sobre educação e suas formas de compreendê-la.

No ensino remoto, há uma predominância temporária de metodologias usadas tradicionalmente no ensino presencial, com os mesmos regimes de horários e professores responsáveis pelas disciplinas, em que estes, como falamos, se desdobram para a realização das atividades, slides, vídeos e outros para ajudar os alunos no processo de ensino-aprendizagem (ALVES, 2020).

As metodologias hoje usadas no ensino remoto, que percebemos na realidade pesquisada que apresentaremos, tratam-se em grande maioria das práticas metodológicas usadas no ensino presencial. E o processo de ensino nesse sentido passa a ser feito com uma reflexão, será que as aulas ministradas remotamente ou presencialmente tem algum fator de maior compreensão entre elas? Será que uma é melhor que a outra? Acreditamos que não.

Contudo, é preciso que se vejam vários fatores para que estas aulas possam ser positivas para os agentes neste processo, desde as questões de infraestrutura dos professores e alunos até de fato as metodologias utilizadas, que vão para além do uso de tecnologias A ou B. Todavia, vale salientar que todos os agentes neste processo são fundamentais, e não queremos aqui colocarmos culpa nos sujeitos, mas compreender como o processo do ensino remoto nos impactou em diversas frentes e como podemos analisar a nossa educação e ensino em um mundo pós-pandêmico.

AULA SÍNCRONA E ASSÍNCRONA: O QUE PENSAM SOBRE O ENSINO REMOTO?

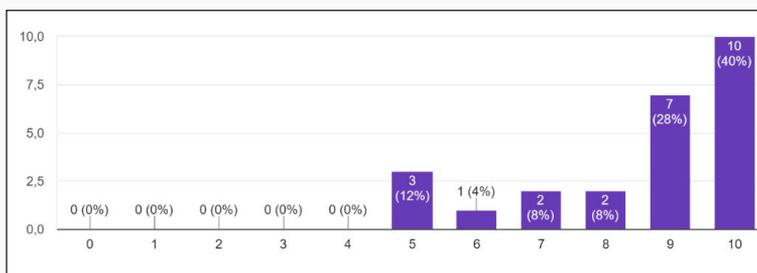
Em pesquisa com os professores em formação dos cursos de Letras Libras, Letras Inglês e Letras Português de uma universidade pública federal do RN, totalizando a participação de 25 (vinte e cinco)

participantes, que apresentam em sua maioria a faixa etária de 21 a 25 anos (52%), fizemos alguns questionamentos sobre os impactos do ensino remoto, como: as atividades nesta modalidade de ensino, as videoaulas, as aulas assíncronas e síncronas, os ambientes em casa para o estudo e até mesmo alguns aspectos sobre suas rotinas e qualidade dos serviços e equipamentos.

Analisando a situação das atividades no ensino remoto, aplicamos um questionário, via *google forms*, para este grupo de alunos. Essa aplicação se deu através da disponibilização do link pelas redes sociais dos alunos e sistemas da universidade no período de duas semanas. Além disso, tivemos algumas entrevistas com os professores das disciplinas ofertadas no ensino remoto, contudo, priorizaremos nesta análise a perspectiva discente sobre os impactos do ensino remoto nas suas vidas escolares.

Pesquisamos sobre alguns aspectos desta modalidade de ensino, inicialmente questionamos o quanto os mesmos consideraram que as atividades para o ensino remoto foram adequadas em uma escala de 0 a 10, e vemos o seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Adequação das atividades para o ensino remoto na opinião dos estudantes



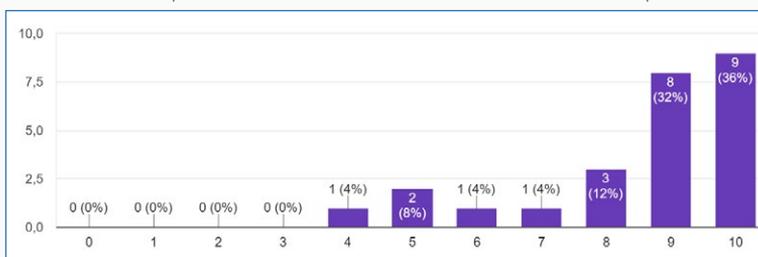
Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Nesse sentido, os alunos acreditam, em sua maioria, que as atividades exigidas no ensino remoto foram compatíveis com a realidade de ensino que estavam vivenciando, em maior parte tendo em vista que 40% consideram o máximo e 28% consideram 9, na escala de 0 a 10 para esta questão. Podemos refletir que as atividades estavam de acordo com as expectativas e realidade do ensino remoto para este público de alunos que participou da pesquisa.

Assim, uma das práticas que mais fizeram parte da realidade dos alunos foram as aulas assíncronas que geralmente tratava-se – na realidade investigada – de aulas gravadas pelos professores, normalmente aulas tradicionais com a exposição do conteúdo, em que já traziam um grande desafio para os professores, desde o processo de dar aula para uma câmera, até mesmo os processos mais técnicos, como a edição e outros letramentos e remixes nesta composição para estas produções.

Ao questionarmos aos estudantes sobre a visão deles sobre as videoaulas, se elas conseguiam ser eficazes na aprendizagem dos conteúdos, perguntamos: “Em uma escala de 0 a 10, o quanto você considera que as videoaulas transmitiram os conteúdos de forma eficiente?”, e vemos o seguinte gráfico:

Gráfico 2 - Compreensão dos conteúdos em videoaulas pelos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Como se tratam de alunos (25) de cursos (Letras Libras, Letras inglês e Letras Português) e disciplinas distintas (metodologia científica, tecnologias e educação, leitura e produção de textos acadêmicos, linguística textual), pedimos para que considerassem o último semestre remoto cursado.

Percebemos que a maior parte dos estudantes (36% e 32% respectivamente) consideram efetivas as videoaulas na compreensão dos conteúdos apresentados. Vale salientar que estas videoaulas eram complementares às aulas síncronas, uma vez que o regimento interno da universidade pesquisada, neste contexto pandêmico, determinava que pelo menos 25% das aulas do semestre deveria ser de forma síncrona.

Muitos colegas professores falam dos desafios de se produzir uma aula assíncrona, sem a interação dos alunos que estavam

acostumados, além disso, as tecnologias usadas e os processos de montagem delas eram também desafiadores. Dessa forma, para a produção de uma videoaula, que, para muitos, o conteúdo é lecionado há anos, com uma vasta experiência, parece ser novo aos olhos de uma lente para o ensino na tela e seus controles, configurando-se mais um desafio na prática docente-discente.

Vemos com Marques (2020) que a alta demanda de tempo e dedicação é um dos principais desafios para os docentes, que, em algumas vezes, acabam fazendo com que as aulas síncronas sejam um reflexo ou uma reprodução das aulas presenciais, gerando assim desinteresse, desmotivação e desgaste entre os alunos participantes. Obviamente, não são todos os casos, mas ainda assim, merecem mais investigações sobre os processos que permeiam essas práticas de ensino neste formato novo e em meio à uma nova realidade.

Nesse sentido, o olho no olho, o *feedback* mesmo que com balanços de cabeças passa a ser algo que falta nas práticas de ensino nas salas e ambientes virtuais, a viralização de *tiktoks*¹ de professores emocionados com os alunos com as câmeras ligadas nos faz questionar esse impacto de ver o outro com que nós dialogamos, mesmo que por telas.

Assim, continuamos o questionário sobre este fator, no sentido de percebermos o impacto da imagem e na interação online no ensino remoto. Perguntamos sobre os próprios alunos e até mesmo sobre o professor aparecer nas videochamadas com as câmeras ligadas. Na pergunta “Qual a sua opinião sobre os ALUNOS ligarem as suas câmeras nas aulas síncronas?”, os alunos acham que:

1 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/08/29/professora-se-emociona-com-surpresa-feita-por-alunos-durante-aula-online-e-video-viraliza-chorei-muito.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Gráfico 3 - Opinião dos estudantes sobre eles ligarem as câmeras nas videochamadas²

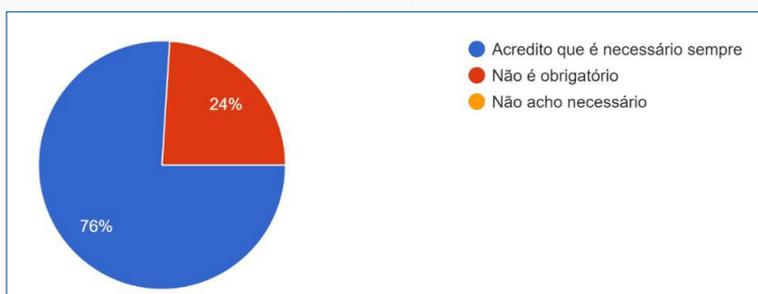


Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

No gráfico acima, percebemos que os estudantes que participaram da pesquisa acreditam que não acham necessário (36%) ligarem as câmeras nas aulas síncronas em plataformas digitais como o *meet*, *zoom*, *teams* e outros, mesmo que em muitos casos alguns possam afirmar que, por problemas técnicos, isso seja impossível, como apontam os dados (24%), que apesar de ter uma boa internet, ainda assim, não ligam por não gostarem de aparecer nas videochamadas.

Um dado importante surgiu quando perguntamos: “Qual a sua opinião sobre PROFESSORES ligarem as suas câmeras nas aulas síncronas?”, na opinião deles sobre a imagem do professor (câmera on), em que temos o seguinte gráfico:

Gráfico 4 - Opinião dos estudantes sobre o professor ligar a câmera nas videochamadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

² “NÃO GOSTO” [SIC] – Resposta dada por um dos participantes na opção outros.

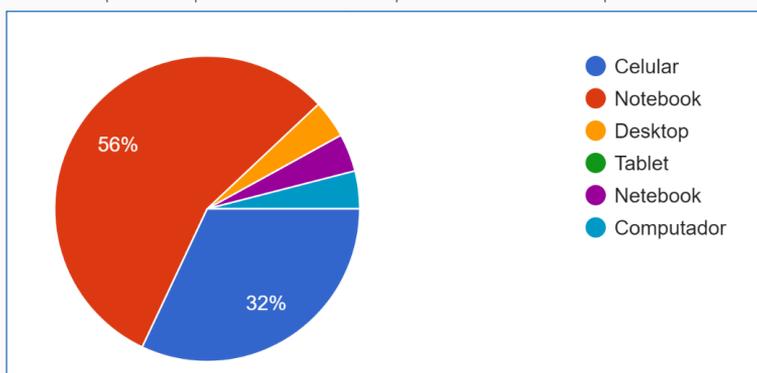
Quando falamos sobre o papel do professor na sala de aula, mesmo que seja de forma virtual/remota, percebemos que ainda temos uma visão de conhecimento centralizada na imagem do professor, como detentor de todo o conhecimento por parte dos alunos participantes da pesquisa.

Até mesmo podemos vislumbrar a ideia de que os alunos possam se sentirem mais confortáveis olhando para alguém expondo enquanto vê os slides, por exemplo. Assim como a nossa necessidade de comunicação com o outro, vendo e tendo feedbacks. Todavia, essa posição nos fornece uma visão sobre o professor em tempos de ensino remoto e como a sua imagem se configura neste cenário.

A sala de aula virou a sala de estar da casa do professor, equipamentos muitas vezes foram exigidos de se comprar para suprir esta nova realidade, por exemplo, na universidade em questão, foram disponibilizados os materiais de expediente para que os profissionais da educação pudessem dar continuidade as suas atividades. Todavia, percebemos que esta não foi uma prática igualitária na maioria dos espaços escolares, como as instituições privadas e outros.

Sobre os equipamentos e espaços utilizados, dos alunos participantes da pesquisa podemos perceber a seguinte realidade no uso de ferramentas para as aulas:

Gráfico 5 - Principais dispositivos usados pelos estudantes para as aulas remotas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Vemos no gráfico que a maioria dos alunos usou notebooks (56%) e computadores para assistir as aulas, porém, é importante

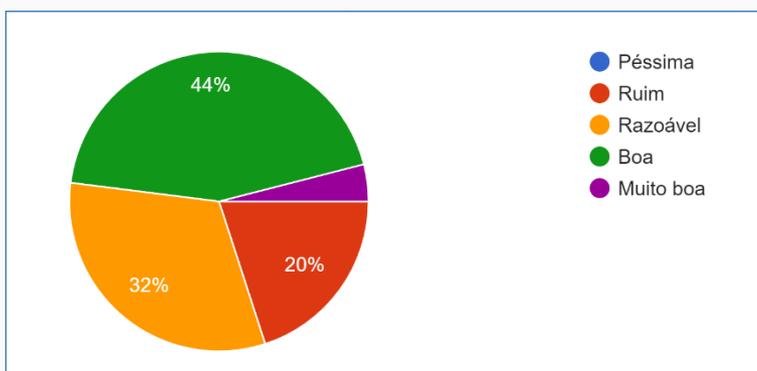
ressaltar que muitos também estavam usando celulares (32%) para a participação das aulas.

Outro fator que foi importante neste processo de adequação das metodologias, a universidade em que estamos nos debruçando nesta pesquisa promoveu a oferta de auxílios didático-pedagógicos para a compra de equipamentos e fornecimento de chips para o acesso à internet, que ofertou a possibilidade para muitos que não tinham equipamentos de participar das aulas.

Por mais que essa iniciativa tenha sido tomada, ainda muitos foram prejudicados por conta de cobertura de rede ínfima em suas localidades mais distintas, como o caso de algumas comunidades quilombolas e cidades mais distantes das zonas urbanas. Isso posto, entende-se que o fosso digital que existe no país vem de cima para baixo: falta infraestrutura que deveria ser possibilitada pelos governos estaduais e federais, sobretudo. Pouco adianta ter um *smartphone* ou *laptop* de excelente qualidade se a localidade não tem infraestrutura mínima, como torres de internet.

A qualidade da internet nesse sentido também foi um fator determinante para a boa participação nas aulas, desde assíncronas até mais ainda nas síncronas, que exigiam uma banda larga maior, em que muitos casos, ainda é difícil por fatores externos de infraestrutura de rede. Na opinião dos alunos participantes:

Gráfico 6 - Qualidade da internet nos estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

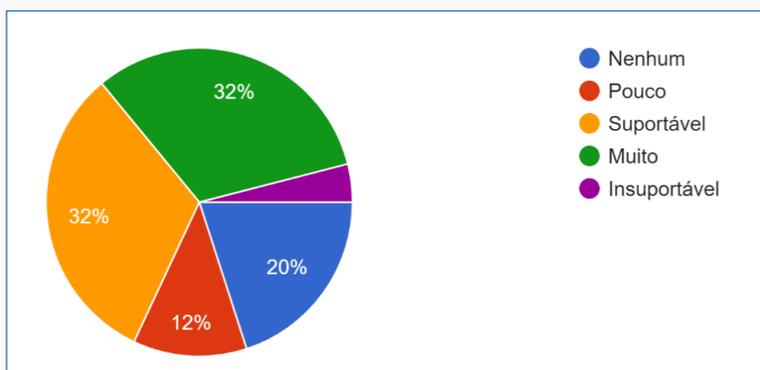
Como mencionado, os programas auxiliaram em grande parte dos estudantes da universidade federal em tela, sendo uma política

de assistência estudantil importantíssima, e vemos que a maior parte do público-alvo apresenta uma internet considerada pelos mesmos como razoável a boa (44% e 32%), todavia, para a garantia de acesso aos alunos, preocupamos com os 20% que a consideram como ruim, ou até mesmo os que não puderam participar de disciplinas como estas por não terem acesso.

Ainda sobre os espaços para o ensino-aprendizagem, percebemos que além desta realidade do professor no ensino, temos a situação dos nossos alunos que afirmaram que não tinham um local adequado para estudo (52%), fator esse que nos preocupa e nos faz refletir sobre estes espaços de ensino que abrigam muito mais que as necessidades educativas, mas também, sociais e emocionais.

A saúde mental de professores e estudantes nestes tempos de pandemia também é um fator importante e que merece destaque. Toda a humanidade foi pega de surpresa, e as rotinas da educação convencional acabaram sendo mudadas bruscamente, o que teve profundos impactos na realidade emocional de todos os envolvidos³. Ao perguntarmos sobre os níveis de estresse e sobre como as questões do isolamento social impactaram na saúde mental e bem estar dos alunos praticantes, percebemos que:

Gráfico 7 - Níveis de estresse provocados pelo isolamento social na saúde mental e bem estar dos estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

3 Informação disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19401/ansiedade-medo-e-exaustao-como-a-quarentena-esta-abalando-a-saude-mental-dos-educadores>. Acesso em: 5 dez. 2020.

Podemos refletir sobre os impactos dessas mudanças em nossas vidas, não sendo diferente para os estudantes participantes da pesquisa, que vão do suportável (32%), muito (32%) até o insuportável (04%), ainda se dividem nesse aspecto, a compreender como o processo de isolamento social impactou na sua saúde mental e bem estar. Por mais que vejamos pesquisas que afirmam que os efeitos nas pessoas, estenda-se para além do período de pandemia da doença, podendo afetar a população futuramente (Orben, Tomova & Blakemore, 2020).

Ainda sobre estes fatores, percebemos que a realidade de convivência dos estudantes impactou efetivamente nos processos de ensino, ao perguntarmos sobre a situação de dedicação ao estudo nesta situação de Pandemia da Covid-19, e dividindo o espaço com outras pessoas os mesmos afirmam que:

Gráfico 8 - Horas dedicadas para o estudo em casa segundo os estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Muitos (56%) dedicam de duas a quatro horas de estudo por dia para as atividades do curso e em segundo (32%) de uma hora por dia para isso. Por mais que saibamos que neste formato de ensino não tenha uma obrigatoriedade de comparecimento em local e horário específico (com exceção das aulas síncronas), ainda sim, é necessário considerar as horas dedicadas a leituras e outras atividades para além do momento de “aula” em si.

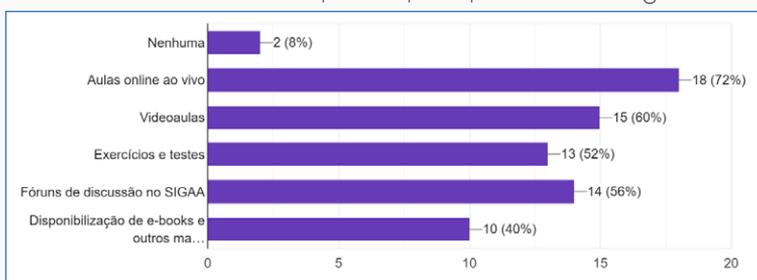
Outro fator impactante, foram as atividades online, ou podemos chamar as “e-atividades”, em que é considerado um fator desafiante, para elaborar propostas que possam dar protagonismo

aos estudantes, uma vez que eles teriam de ter mais independência e senso crítico na resolução das atividades.

Ao falarmos isso, não estamos generalizando as ações de ensino, percebemos que muitos ainda copiam metodologias e processos do ensino presencial tradicional para o ensino remoto, que neste sentido, é um fator preocupante.

As atividades mais adequadas para se desenvolver em plataformas digitais de ensino durante a pandemia na visão dos estudantes participantes da pesquisa é de:

Gráfico 9 - Atividade mais adequadas para plataformas digitais de ensino



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Em maior parte (72%), percebemos que os estudantes participantes da pesquisa compreendem que as aulas síncronas são as mais adequadas para as plataformas digitais de ensino, em sequência vemos videoaulas (60%), fóruns (56%), exercícios e testes (52%), disponibilização de conteúdos (40%) e nenhuma (8%). Ainda assim, percebemos uma primazia para o contato social síncrono que remete as aulas online nessas plataformas, por mais que muitos ainda acreditem que é um processo desafiador tanto para os professores como para os estudantes participantes da pesquisa.

LINKS, MEETS E TELAS: PERSPECTIVAS E PÓS-PANDEMIA

Durante todo o processo em que se instaurou a pandemia em nossa sociedade, vivemos momentos de grandes mudanças, contudo, vemos no ensino, que muitas das estratégias tomadas hoje apenas evidenciaram algumas discussões que estão sendo feitas

há muitas décadas, principalmente em nosso ensino como um todo. Por mais que tenhamos foco aqui no ensino superior, vemos que todas as esferas e níveis de ensino foram atingidos e precisam de revisões em um mundo pós-pandêmico que já está deixando várias marcas nas nossas relações, nas formas de aprender e viver em sociedade.

As metodologias de ensino precisaram ser revistas, bem como as tecnologias empregadas neste ensino, mas o que nos questiona na verdade é que será que o uso de apenas uma determinada plataforma causa engajamento dos alunos? Algumas outras reflexões vão para além das ferramentas, e sim, como podemos usufruir destes recursos com objetivos claros de aprendizagem que hoje passam por mudanças nas formas de aprender e ensinar.

Estamos em busca de melhorias das condições de acesso ao conhecimento por meios das tecnologias, mais ainda as questões de infraestrutura que recaem em nossas vivências escolares, e mais ainda quando pensamos na formação dos futuros professores da educação básica. O ensino remoto está ainda sendo moldado frente a esta nova realidade, que exige de nós comprometimento e saúde para que possamos pensar em melhorias para os processos de ensino.

Precisamos pensar em estratégias que estimulem a criticidade e a independência dos nossos alunos, buscando um ensino para além do tradicional presencial transfigurado no remoto, mas aproveitar as potencialidades destes meios, principalmente quando falamos nas tecnologias digitais e suas possibilidades no ensino. Ainda não temos todas as respostas para os desafios emergentes nestes processos de ensino e pandemia, mas devemos ter em mente que devemos viabilizar o encontro e discussão no contexto em que estamos vivenciando, principalmente fazendo usufruto das potencialidades que as tecnologias estão e podem promover no ensino como um todo.

REFERÊNCIAS

ABRAFI. **CNE aprova parecer com diretrizes para reorganização dos calendários escolares e realização de atividades não presenciais pós retorno.** Publicado em 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://>

www.abrafi.org.br/index.php/site/noticiasnovo/ver/3214. Acesso em: 01 Fev. 2021.

ALVES, L. R. G.. Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. **Revista de Educação Pública**, 25, p. 574-593, 2016.

APPENZELLER, S. et al. Novos Tempos, Novos Desafios: Estratégias para Equidade de Acesso ao Ensino Remoto Emergencial. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, supl. 1, e155, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000500201&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19**. 28 de abril de 2020. Brasília, DF, 2020.

GOMES, H. **Como o Google quer fazer você esquecer do Zoom para videoconferências**. Publicado em 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/29/como-o-google-quer-fazer-voce-esquecer-do-zoom-para-fazervi-deoconferencias.htm>. Acesso em: 01 Fev. 2021.

MARQUES, R. A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da covid-19. **Boletim da conjuntura**, v. 3, n. 7, 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

ORBEN, A., TOMOVA, L., BLAKEMORE, S. J. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. **The Lancet**, Canadá, n. 4, p. 634-640. 2020.

OLIVEIRA, C. M. B. **Trabalho docente na educação a distância**: saberes e práticas. Teresina: EDUFPI, 2013.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.19, n.2, p. 91-111, jul./dez. 2016.

RIBEIRO, A. E. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, e02011, 2020.